O *boudoir* das damas (Marita Socorro Monteiro)

A palavra francesa *boudoir* fez época apenas entre a gente bem dos séculos XIX – e primeiro quartel do XX, sendo substituída por outra da mesma língua, *toilette*, ou pela portuguesa toucador. A diferença, para mais, é que esta última possui leque semântico mais amplo e mais abrangente em termos sociais, oficiando de maneira universal. Simultaneamente alude ao móvel de madeira (com ou sem espelho oval), ao apronto das damas (quando uma mosca esfrega as patas na cabeça, diz-se estar fazendo a toalete), ao próprio corte do vestido e à WC.

Como não houvesse nas moradas de casas local especialmente destinado à prática habitual do exigente rito, o "emperiquitar-se" para arruar exigia da dama uma seqüela de providências que aumentavam de acordo com seu status social. O elemento primacial dos bens cativos da mulher é o toucador, sem dúvida nenhuma o mais antigo dos móveis, e talvez o único que apareça, desde os faraós, ilustrado nos livros de história. A mulher e o espelho. Depois de introduzido entre os índios, a mulher não o largou mais. No princípio ele teve péssima reputação porque acreditava que o reflexo fosse sua alma. Existem flagrantes de índias emperiquitando-se para festas, com os olhos atentos no espelhinho cúmplice. Também elas pintam os bicos dos seios e neles traçam símbolos eróticos, uns com a finalidade de atrair os machos, outros com o objetivo de protegerem-se contra a atividade noturna dos íncubos.

O espelho deformador da imagem não existia, ao passo que os móveis adquiriam maior suntuosidade entre os séculos XV e XVII, exagerados no estilo rococó da perdulária sociedade européia. Declina de prestígio, no século XVIII, quando se simplifica, e perde o interesse na segunda metade do século XX. Hoje torna-se quase impossível adquirir exemplar em movelarias, pois a diminuição do perímetro dos apartamentos exclui a quantidade de trastes.

É do arsenal de cosméticos e o objetos outros que os acompanham, que desejamos falar agora. Contrarestando a exclusão do móvel, a quantidade e diversidade de líquidos, pastas, pinturas, cremes, perfumes, loções, esponjas, escovas, pentes, saponáceos, removedores, aumentou com a concorrência. Hoje as etiquetas são numerosas e várias, mas na metade do século XX a mulher vaidosa contentava-se com sabão líquido "Aristolino", "Água Flórida" para untar a carne após o banho, loção capilar, pomadinha perfumada "Flor da noite" (em latinhas redondas de estanho, chamadas "brilhantina de turco"); para os velos do púbis, as maçarocas das axilas e o pelame das coxas. Algumas usavam-na no cabelo, mas para este havia o óleo de mutamba (cabeça de negro), recomendado pelas suas virtudes: protegia a cor negra do cabelo, conservava-o brilhante e sedoso e afastava a fauna dos tardígrados. A dama não tosquiava as pernas e muito menos os sovacos, capítulos de interesse erótico para bigodes de machos. O contraveneno para CC (ácido capróico) era a solução "maison" de álcool com limão. Ao contrário, a mulher índia se esmera na depilação total, inclusive a quixuba, por imposição religiosa. Para a higiene bucal consumia-se o "Odontol", que era substituído

pelos pobres pelo pó da casca macerada do jutaí, na fórmula do Dr. Albert, amazonense. O mais famoso toucador de que fala a história foi o de madame Pompadour: verdadeira botica de cosméticos.

O decoro exigia antigamente que se ocultassem as axilas, por isso não se usavam mangas cavadas, que deveriam cair pelos cotovelos e/ou punhos, mesmo perdidas. Mas quando de alça, protegia discretamente o sovaco. Certa feita, um poeta gaiato glosou a sovaqueira repolhuda da artista Ursulina. Inegavelmente foi o *boudoir* a mais santificada peça da casa do abastado cidadão, instalado no gineceu por carência de espaço. Não é possível encontrar o toalete em outra parte, a não ser aquela outra toalete onde também se ruminam idéias e se fazem projetos.

As damas de origem asiática monopolizavam o costume de sombrear os olhos, carminar as faces, pintar os lábios. Somente agora é que as mulheres do Ocidente aprenderam a estratégia, imitando olhos orientais. Para avivar o rosado dos lábios estava faltando o batom e hoje a tinta líquida. O recurso para as damas de posso era o sumo do caraiuru ou do urucu, que não fixavam bem; e para as criadinhas e caboclas namoradeiras o melhor era o papel de seda encarnado.

Os mascates ambulantes (teque-teques) abasteciam de cosméticos bons e maus a vasta freguesia dos bairros, pois as perfumarias de renome, Universal, Joly, Madame Marie, só comercializavam produtos de etiquetas famosas, do tipo Royal Briar, Lady, Leite de Colônia (produzido pela Farmácia Studart). Não havia em Manaus salões de beleza, estes foram inaugurados pela senhora Delormes Henriques, na época em que começaram os "permanentes", com gabinetes de corte, pintura, penteados, tratamentos e manicure, na rua do Doutor Almino. Depois mudou-se para a Avenida, local mais estratégico.

As unhas sempre mereceram cuidados, quanto à higiene, forma do corte e conservação, mas não eram pintadas e sim roseadas: polidas na generalidade, com pó especial, branco ou carmim, de corte meia lua ou ogival. As unhas dos pés não recebiam aformoseamento, apenas limpeza, uma vez que a mulher nunca mostrava os mocotós. Eram polidas com uma almofadinha de lã, o polidor. A alternativa, para as menos dotadas, era a cal de parede. Não se usava escarificação, remoção da cutícula. Unhas elegantes, aristocráticas, eram as bem projetadas, de cerca de dois centímetros contados da base, e afuniladas. As mulheres da alta roda não mostravam as mãos quando arruavam ou freqüentavam reuniões elegantes: estavam sempre defendidas por luvas de pelica ou de lã, e nos saraus portavam o mitemes. Também não usavam óculos as que sofriam de miopia, e sim o lorgnon. Às vezes até por faceirice. A poetisa amazonense Violeta Branca tinha o seu, com corrente, montado em ouro, mas não era por esnobismo.

Atelier de madame Palmyra, por onde se vestiam as grãs-finas do princípio do século XX. Depois apareceria a francesa madame Marie, que alcançou a década de trinta.

AMAZONAS
GOVERNO DO ESTADO

Comunicado

A disponibilização (gratuita) deste acervo, tem por objetivo preservar a memória e difundir a cultura do Estado do Amazonas e da região Norte. O uso deste documento é apenas para uso privado (pessoal), sendo vetada a sua venda, reprodução ou cópia não autorizada. (Lei de Direitos Autorais – Lei n. 9.610/98.

Lembramos, que este material pertence aos acervos das bibliotecas que compõe a rede de Bibliotecas Públicas do Estado do Amazonas.

Contato

E-mail : acervodigitalsec@gmail.com

Av. Sete de Setembro, 1546 - Centro
69005.141 Manaus - Amazonas - Brasil
Tel.: 55 (92) 3131-2450
www.cultura.am.gov.br

Secretaria de
Cultura